

**O REFLEXO DO MÉTODO POSITIVISTA
NO ENSINO DE LITERATURA: O ROMANCE
EXPERIMENTAL, DE ÉMILE ZOLA EM FOCO**

Carlos Wiennery da Rocha Moraes (UFT)
carloswmr@hotmail.com

RESUMO

Este artigo tem por finalidade retomar a antiga discussão acerca da influência do positivismo no ensino de Literatura, com o intuito de mostrar que essa prática ainda vigora, de maneira fragmentada e sem sentido para o alunado. Essa experiência recorrente compromete seriamente o seu processo de ensino e aprendizagem, visto que muitos alunos não sabem por que estudar literatura, e, portanto, não apreciam o sentido dos textos e das obras literárias estudadas no âmbito escolar. Ao propormos tal reflexão, indagamos: “Por que a prática de ensino de Literatura continua repetindo o tradicional modo de ensinar a partir de recortes literários isolados?”. Desse modo, o objetivo desta pesquisa é dialogar com a perspectiva epistemológica que ajuda a elucidar por que razão o ensino de literatura é fragmentado, tradicional e historiográfico e não propicia a escolarização literária adequadamente. Para tanto, realizamos uma pesquisa de abordagem qualitativa e de investigação bibliográfica, entre os meses de julho a setembro de 2020. No final, constatamos que a influência do positivismo na literatura, inaugurada pelo manifesto *O romance experimental*, de Émile Zola, repercutiu, intensamente, na forma fragmentada, fixa e objetivante da escola literária chamada naturalismo, a qual teve muitos adeptos no mundo. Por este motivo, seu ensino não dá ao leitor chance de usar a sua subjetividade imaginativa diante da fixidez dessas obras. O leitor fica incapaz de produzir uma experiência de leitura humanizadora e em ato, nos termos da fenomenologia.

Palavras-chave:

Fenomenologia. Positivismo. Ensino de Literatura.

ABSTRACT

This article aims to resume the old discussion about the influence of positivism in the teaching of literature, in order to show that this practice still prevails, in a fragmented and meaningless way for students. This recurring experience seriously compromises their teaching and learning process, since many students do not know why to study literature, and therefore do not appreciate the meaning of the texts and literary works studied in the school environment. When proposing such a reflection, we ask: why does the practice of teaching literature continue to repeat the traditional way of teaching from isolated literary clippings? Thus, the objective of this research is to dialogue with the epistemological perspective that helps to elucidate why the teaching of literature is fragmented, traditional and historiographic and does not provide adequate schooling. To this end, we carried out a research with a qualitative approach and bibliographic investigation, between the months of July to September 2020. In the end, we found that the influence of positivism in literature, inaugurated by the manifesto *O romance experimental*, by Émile Zola, had an intense repercussion, in a fragmented, fixed and

objective way in the literary school called naturalism, which had many followers in the world. For this reason, his teaching does not give the reader a chance to use his imaginative subjectivity in the face of the fixity of these works. The reader is unable to produce a humanizing and in-action reading experience, in terms of phenomenology.

Keywords:

Phenomenology. Positivism. Literature teaching.

1. Introdução

O ensino de Literatura na escola tem sido trabalhado, pedagogicamente, de maneira fragmentada, desarticulada da realidade do aluno e sem sentido para aquele que aprende. Muitas vezes, pelo viés da leitura de obras e/ou textos literários “marcados por exigências avaliativas, institucionais, havendo um apagamento de funções sociais de uso e funcionamento dos textos” (FISCHER, 2008, p. 187).

Essa prática mencionada compromete todo processo de ensino e aprendizagem em literatura porque não é capaz de promover ações pautadas numa leitura responsiva e com prática interpretativa (texto, contexto, intertexto), como orienta Cosson (2018), tornando-a, assim, apenas mais uma disciplina que precisa de nota para aprovação.

Paralelamente a esse exercício pedagógico que tem sido proposto, muitas vezes há também a questão da necessidade de atender o conteúdo programático institucionalizado, comprometendo, diretamente, a formação de leitores literários, porque as ações que são mobilizadas não permitem ao alunado experimentar a relação sensível e inteligível que a literatura possibilita e precisa ser aprendida pelo leitor.

Ao propormos tal reflexão, indagamos: por que a prática de ensino de literatura continua repetindo o tradicional modo de ensinar a partir de recortes literários isolados?

O objetivo desta pesquisa é dialogar com a perspectiva epistemológica que ajuda a elucidar por que razão o ensino de literatura é fragmentado, tradicional e historiográfico e não propicia a escolarização literária adequadamente.

O interesse por este tema nasceu durante o Doutorado em Letras/UFT (2017–2020), momento de estreito diálogo com a fenomenologia, e com a sociosemiótica de Landowski (2005) que teoriza sentido vivido em ato na relação sujeito e objeto ou entre sujeito e objeto. A partir desse momento, várias indagações emergiram acerca da prática de

ensino em literatura, como, por exemplo, o trato dado pelo professor à literatura na construção de sentido e como se estabelece a interação do sujeito no momento que ele lê o objeto literário.

Para responder a tais indagações realizamos pesquisa de abordagem qualitativa e de investigação bibliográfica, entre os meses de julho a setembro de 2020. As fontes de pesquisa foram selecionadas a partir de material já publicado, como, livros da área, artigos e periódicos científicos, teses e dissertações que abordam a referida temática. O estudo proposto do ponto de vista de seus objetivos classifica-se como explicativo porque “procura explicar os porquês das coisas e suas causas, por meio (...), da análise, da classificação e da interpretação dos fenômenos observados” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 53). Do ponto de vista de sua natureza, trata-se de uma pesquisa básica, aquela que tem a finalidade de acrescentar novo conhecimento na área estudada. Em relação aos objetivos, trata-se de uma pesquisa de viés explicativo porque elucidada, a partir da literatura da área, o aparato epistemológico que influenciou, decisivamente, a forma de ensinar literatura.

Este artigo está estruturado no diálogo entre o positivismo e a obra naturalista de Émile Zola, para explicitar como este autor francês se apropriou do positivismo no campo literário para lançar as bases do romance experimental. Esse percurso ajuda esclarecer os primórdios de uma literatura pautada pela ciência de cunho objetivista em que a apreensão do literário dá por fatos de cunho científico que são exteriores aos sentimentos do sujeito. Em contrapartida revela como a perspectiva fenomenológica por fazer o caminho inverso do positivismo pode contribuir no trato com a literatura, uma vez que a fenomenologia é uma tentativa de humanizar a ciência e por isso faz análise de cunho subjetivista e prima pela produção de sentido na interação sujeito e objeto e não pela dicotomia sujeito x objeto como faz o positivismo.

2. Revisitando: Positivismo e Naturalismo

O positivismo do século XIX foi influenciado pelo empirismo de Francis Bacon que trata da experimentação no campo das ciências naturais. Criado por August Comte, surgiu decorrente das mudanças econômicas e sociais que estavam em curso na Europa, dentre elas: a Revolução Industrial, a Revolução Francesa e o surgimento da burguesia. Essas transformações fizeram com que as relações sociais deixassem de ser tratadas e/ou interpretadas a partir do fundamento religioso e/ou do senso

comum. Consequentemente, tais mudanças alteraram a forma de pensar do homem (sobre si mesmo e sobre o mundo), bem como exigiram a concepção de uma ciência que questionasse e explicasse racionalmente tal realidade (COSTA, 2018).

O método positivista, embora fosse embasado nas ciências da natureza, serviu de base para fundamentar as leis do socialismo, os estudos da psiquiatria, educação, ensino (ARANHA; MARTINS, 1993) gramática e literatura. Para (COSSON, 2018) no paradigma gramatical, a literatura não tinha um *status* particular no âmbito de sua escolarização, porque dela se faziam apenas recortes para dar suporte às aulas de gramática. Nesse sentido, nunca se liam a obra os “Lusíadas”, de Camões, por inteiro, ou qualquer obra clássica na sua totalidade, mas apenas fragmentos de textos que eram considerados os mais relevantes para apreender genericamente o conteúdo e a forma. O papel do professor era apenas explicar a língua com base nos fragmentos da obra literária. Em outras palavras, no paradigma gramatical a obra literária não tinha um lugar próprio, sendo auxiliar do ensino da língua portuguesa sob o viés normativista e gramatical (COSSON, 2018 *apud* MORAES, 2020).

Assim, as ciências humanas surgem a partir deste cenário enredado por muitas dificuldades, por se caracterizam como complexas e totalmente diferentes das ciências naturais às quais os métodos eram simples e fáceis de serem controlados. Mensurar o homem e a vida social não é a mesma coisa que avaliar um animal e submetê-lo a verificação em um laboratório de pesquisa como queria o método positivista.

A partir do século XIX, a visão objetivista empregada pelo positivismo passa a ser praticada pelos adeptos do movimento cultural e artístico chamado Naturalismo, repercutindo na literatura, no teatro e nas artes plásticas.

A literatura naturalista é objetivista, visão que se opõe à literatura romântica do século XVIII, a qual era subjetivista. Surge então o dialogismo constitutivo na literatura, ou seja, a oposição entre essas duas correntes literárias – romantismo e naturalismo. A primeira está relacionada ao mundo das ideias nos termos de Platão. No campo literário romântico, a mulher era caracterizada de forma idealizada, inatingível, reflexo das ideias platônicas. A segunda é mais aristotélica, relacionada ao mundo sensível. Inspira-se na objetividade científica uma vez que o objeto tem sentido em si mesmo. Na literatura de base naturalista, a mulher é tratada de forma real, material, física, desconstruindo o perfil de

mulher idealizada do romantismo. Um exemplo de literatura naturalista, no Brasil, é “O cortiço”, de Aloísio de Azevedo.

Outra implicação na literatura naturalista é a forma de escrita em terceira pessoa. Essa particularidade ocorre em razão do tom científico empirista que não admite subjetividade. Uma escrita calcada pela objetividade, remetendo à neutralidade do autor, que se coloca como um cientista, ao manusear seu objeto de análise no laboratório. Da mesma forma, os personagens da obra naturalista, são objetivos. Isso também está relacionado com a pesquisa empírica para a qual todo conhecimento está preso à neutralidade do objeto que tem uma verdade em si mesmo e não cabe ao pesquisador aplicar a sua subjetividade para conhecê-lo.

A escrita do ensaio *O romance experimental*, de Émile Zola, enquanto naturalista, não fugiu às particularidades ao método positivista. Aliás, é considerado como uma espécie de manifesto literário do movimento naturalista, ao sinalizar que o fazer ciência implicava no escrever literatura porque se procura “adequar os métodos literários aos rigorosos métodos científicos então vigentes” (GOMES, 2006, p. 106).

Além deste ensaio, outra obra com nessa mesma vertente metódica foi o romance histórico “*Germinal*”, publicado em 1885, obra na qual Zola descreve a precariedade subumana dos trabalhadores em uma mina de carvão localizada na França. Em razão disso, alguns autores naturalistas construíram a literatura como um laboratório científico num esforço de dissecar o comportamento humano e social, de forma fria, objetiva e impessoal, prática dos profissionais do laboratório de ciências (GOMES, 2006).

Os autores naturalistas eram criticados por imitarem o modelo positivista, ao usarem a ficção literária para provar a validade de teses científicas, precarizando, assim, o verdadeiro objetivo da literatura que é o entretenimento.

Verifica-se, assim, que, ao longo da história, houve tentativas não só de escapar da camisa de força imposta pelo Positivismo, que propugnava pelo monolitismo na pesquisa, ao erigir as Ciências experimentais como única via de acesso ao conhecimento da realidade, como também para romper as fronteiras das formas de conhecimento, de modo a tornar mais dinâmicos e totalizadores os modos de entender o real, já por si só complexo e irredutível a ser apreendido de uma maneira simplista e redutora. (GOMES, 2006, p. 106)

Essa maneira simplista e reducionista do positivismo em compreender a realidade social repercutiu em várias áreas do conhecimento,

provocando uma única linha de explicação possível do conhecimento (GOMES, 2006).

Tal percurso provocou sérios erros metodológicos como o observado no ensaio *O romance experimental*, de Émile Zola, que elucida como a literatura se apropriou da tendência positivista para “adequar os métodos literários aos rigorosos métodos científicos então vigentes” (GOMES, 2006, p. 106).

3. *Émile Zola: uma escrita determinada pela ciência*

Émile Zola mostra-se empolgado com a evolução do método experimental de um tratado de medicina de Bernard, uma vez que esta corrente científica o induz “às manifestações da inteligência humana num mesmo caminho científico” (ZOLA, 1982, p. 25). Essa assertiva encontra-se em destaque no livro do fisiologista de Claude Bernard, *A Introdução ao Estudo da Medicina Experimental*. Inspirado nessa obra, Zola, ao longo da sua escrita, substituiu a palavra médico pela palavra “romancista”, sinalizando uma simples transferência do método positivista para a escrita literária.

Zola, ao entusiasmar-se pelas teorias do positivismo-naturalismo agiu no sentido de um escritor que “procura adaptar, de maneira literal, os métodos científicos à Literatura, na medida em que vê esta como que determinada pelas Ciências” (GOMES, 2006, p. 107). Entretanto, Gomes questiona: como adaptar um método “cuja eficácia não pode ser comprovada na área da literatura” questiona e critica: como é possível essa adaptação e/ou transplante da metodologia científica para a literária? (GOMES, 2006, p. 107).

Essa adaptação proposta por Zola parte da ideia do método experimental utilizado pelo fisiologista Claude Bernard. Ainda:

Nada há que sustente que o “método experimental”, [...] o seja também no “conhecimento da vida passional e intelectual”, já que se trata de departamentos distintos. Partindo dessa falsa premissa e, por conseguinte, transformando o trabalho do romancista num subproduto, já que ele deverá agir estritamente como um cientista, o escritor francês constrói assim o seu edifício do “romance experimental” (GOMES, 2006, p. 107)

Essa perspectiva traçada pelo método experimental reposto na literatura transformou o trabalho romancista num subproduto e não, necessariamente, romance literário.

Esse contexto levou Zola a entender que era necessário “um novo romance, que desprezando, a ‘imaginação’ investe na ‘observação’ e na ‘experimentação’, implicando que o escritor se torne impessoal” (GOMES, 2006, p. 107). Perde-se então a subjetividade que faz emergir a imaginação do leitor literário.

É nesse sentido que “O romance experimental” perde sua essência porque a imaginação que alegra o leitor dá lugar à observação, nos termos positivistas. Em outras palavras, “quero dizer que o romancista não é mais que um escrivão que se abstém de julgar e de concluir” (GOMES, 2006, p. 102-3), precavendo-se de intervir no destino das personagens, nos rumos da obra, que se torna, assim, uma espécie de ata, visto que “entender, o romance como uma ata ou mesmo um “relatório da experiência que o romancista reproduz sob as vistas do público” tem como consequência o distanciamento quase que absoluto do escritor do objeto que pretende observar e analisar” (GOMES, 2006, p. 108).

Outra obra literária de Émile Zola que trata o romance como um laboratório experimental é “Thérèse Raquin”. Na sua segunda versão, o autor escreve um prefácio no qual “tenta não só explicar o modo como concebeu o romance, como também tenta programaticamente explicar as relações entre os métodos das ciências biológicas e os métodos romanescos” (GOMES, 2006, p.106). Ainda, para esse autor, trata-se de um romance de conclusões pseudocientíficas porque:

Verifica-se que ele, em nome da doutrina naturalista, tentou de todas as maneiras transferir radicalmente uma metodologia – o da medicina experimental – para o campo das artes. Em realidade, *Thérèse Raquin* tem por base um velho motivo, já explorado à exaustão pelos romancistas do século XIX: o do eterno triângulo amoroso, bem como o da derrocada do casamento burguês, entrevistados em obras clássicas como *Madame Bovary*, *Ana Karenina*, *O Primo Basílio*, *D. Casmurro*, entre outras. Contudo, o velho motivo recebe uma nova roupagem: a linguagem científica, que visa a dar objetividade à narrativa, visando a substituir o imaginário pelo experimental, pelo observável. (GOMES, 2006, p. 111)

Essa atitude ocasiona danos pela “simples transferência de métodos ou ainda pela tirania do método científico, que determina, de maneira categórica, como deveria se produzir o conhecimento” (GOMES, 2006, p. 111). Esse é o ponto mais crítico da poética de Zola, pois fazer literatura simplesmente transferindo os pressupostos científicos de conhecimento da ciência natural para o fazer literário não é suficiente para construir os elementos da narrativa (GOMES, 2006). Portanto, essa reducionismo

simplista de métodos traz consequências restritivas no romance em questão, uma vez que

Os resultados são medíocres: *Thérèse Raquin* não consegue jamais esconder seu aspecto melodramático, seu caráter folhetinesco, encoberto pela linguagem moderna, pela linguagem científica. As personagens títeres, agindo sob impulsos, sob o efeito do sangue, dos temperamentos não têm estofo e nem dimensão humana (GOMES, 2006, p. 109)

Todavia, há uma particularidade no romance que merece atenção “é a capacidade descritiva de Zola, seu talento natural para a elaboração de cenários impressionistas” (GOMES, 2006, p. 112).

Apesar de *O romance experimental*, de Zola, ter concebido a escola naturalista e esta atuar de forma muito presente nas escolas, vários críticos literários não a veem com bons olhos porque a imaginação, que dá prazer estético ao leitor, é substituída pela prática objetivista do cientista e por isso perde-se a subjetividade literária. Dessa forma, como assinala Gomes:

Partindo dessa falsa premissa e, por conseguinte, transformando o trabalho do romancista num subproduto, já que ele deverá agir estritamente como um cientista, o escritor francês constrói assim o seu edifício do “romance experimental”. A começar que, fiando-se nos princípios científicos de então, acredita que há leis fixas para todos os fenômenos, e que, por conseguinte, o homem não passa de uma máquina, “cujos mecanismos o experimentador poderá desmontar e montar”. (GOMES, 2006, p. 108)

Desse modo, a fixidez positivista provocou a fragmentação, e, conseqüentemente, danos ao próprio ato de escrever literatura e, por extensão, para o ensino de literatura nas escolas, em função da privação do imaginário, lacunas, vestígios e opacidade que comprometem a literatura e seu ensino.

Em busca de mostrar outra forma metodológica de ensinar literatura discutiremos, na próxima seção, a fenomenologia, filosofia que veio para humanizar a ciência no esforço de unir sujeito e objeto, opondo-se ao positivismo.

4. O esforço fenomenológico

Diante do reducionismo imposto pelo método positivista e na perspectiva de contrapor tal formato, ao analisar a humanidade surge a

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

fenomenologia³⁴⁷, esta filosofia, tem por pressuposto básico a noção de intencionalidade e se orienta pela ideia de promover a interação sujeito e objeto, e tem base diferenciada do positivismo

Porque não há a pretensão de afastamento do sujeito e do objeto de estudo, ao contrário, entende-se que as vivências, situações e ações do sujeito são determinantes na construção do conhecimento. Desvela a cotidianidade do mundo do ser onde a experiência se passa transparecendo na descrição de suas vivências. (GOMES; BRANDALISE, 2015, p. 33)

A fenomenologia rompe com a velha dicotomia sujeito e objeto que emergiu no século XVII, a partir do embate do racionalismo de Descartes³⁴⁸ em oposição ao empirismo de Francis Bacon³⁴⁹ e, consequentemente, no positivismo no século XIX.

A *Fenomenologia*³⁵⁰, de Edmund Husserl (1859–1938), foi a obra que formulou as principais linhas desta abordagem teórica do real, e a partir dela abriu-se caminho para filósofos como Heidegger, Jaspers, Sartre, Merleau-Ponty. Isso ocorreu em função da urgência em “repensar os fundamentos e a racionalidade dessas disciplinas e mostrar que tanto a filosofia como as ciências humanas são viáveis” (ARANHA; MARTINS, 1993, p. 171).

A fenomenologia husserliana inculcou uma análise compreensiva da consciência, uma vez que todas as vivências do mundo acontecem na e pela vivência do sujeito. Como toda consciência tende para o mundo, Husserl sinaliza que a consciência é carregada de intencionalidade, portanto, relacional.

A partir desta perspectiva, a fenomenologia superou a dicotomia corpo-consciência, desfazendo a hierarquização determinada pela visão platônico-cristã (ARANHA; MARTINS, 1993, p. 315). Nesse processo, “A fenomenologia tem como objeto de estudo, portanto, nem o homem, nem o mundo, mas a maneira como este mundo aparece à consciência do

³⁴⁷ Significa “descrição daquilo que aparece ou ciência que tem como objetivo ou projeto essa descrição” (ABBAGNANO, 2000, p. 437).

³⁴⁸ Que usa o método dedutivo.

³⁴⁹ Que utiliza o método indutivo.

³⁵⁰ No século XIX, houve duas tendências científicas: “a) a naturalista: o positivismo e b) a tendência humanista: a fenomenologia. A tendência naturalista tem por objetivo adequar o método das ciências da natureza às ciências humanas. A esta se contrapõe a ciência humanista, que, preocupa-se com as especificidades dos fenômenos humanos, busca um método diferente daqueles usados até então” (ARANHA; MARTINS, 1993, p. 166).

homem, no curso das interações entre esses dois seres” (FIÚZA, 2011, p. 24).

Nessa direção, a fenomenologia propõe a superação da dicotomia sujeito *versus* objeto positivista marcada por objetividade e distância entre ambos os elementos. Para Aranha e Martins, o postulado

[...] básico da fenomenologia é a noção de intencionalidade, pela qual se busca a superação das tendências racionalistas e empiristas do século XVII. A fenomenologia pretende realizar a superação da dicotomia. razão-experiência no processo, conclui que toda consciência é intencional. Isso significa que, contrariamente ao que afirmam os racionalistas, toda consciência é consciência de alguma coisa. Mas também, contrariamente aos empiristas, os fenomenólogos afirmam que não há objeto em si, já que o objeto só existe para um sujeito que lhe dá significado (sentido) (ARANHA; MARTINS, 1993, p. 123)

Desse modo, a fenomenologia faz críticas ao positivismo, ao afirmar que não há fatos com a objetividade pretendida, pois não percebemos o mundo como um dado bruto, desprovido de significados; o mundo que percebo é um mundo para mim. Daí a importância dada ao sentido, à rede de significações que envolvem os objetos percebidos: a consciência “vive” imediatamente como doadora de sentidos (ARANHA; MARTINS, 1993, p. 171).

Com o conceito de intencionalidade, a fenomenologia contrapõe a retomada da “humanização” da ciência, estabelecendo uma nova relação entre sujeito-objeto, homem e mundo, considerados polos inseparáveis. (...) O olhar do homem sobre o mundo é o ato pelo qual o homem experimenta o mundo, percebendo, imaginando, julgando, amando, temendo etc. (...)” (ARANHA; MARTINS, 1993, p. 304).

Se examinarmos o próprio conceito de fenômeno (ora entendido como objeto), em grego significa “o que aparece”, poderemos compreender melhor que a fenomenologia aborda os objetos do conhecimento tais como aparece, isto é, como se apresentam à consciência. Isso significa que deve ser desconsiderada toda indagação a respeito de uma realidade em si, separada da relação com o sujeito que a conhece. Não há um “puro” ser escondido atrás das aparências ou do fenômeno: a consciência desvela progressivamente o objeto por meio de seguidos perfis, de perspectivas as mais variadas. A consciência é doadora de sentido, fonte de significado para o mundo (ARANHA; MARTINS, 1993, p. 123).

A fenomenologia estuda o fenômeno –aquilo que aparece– e tem como preocupação central a descrição da realidade, colocando como

ponto de partida de sua reflexão o próprio homem, num esforço de encontrar o que realmente é dado na experiência e descrevendo “o que se passa” efetivamente do ponto de vista daquele que vive uma determinada situação concreta.

Nesse sentido, a fenomenologia³⁵¹ é uma filosofia da vivência (ARANHA; MARTINS, 1993). Significa dizer que se apoia na experiência vivida em ato, ou seja, diante de vivências sensoriais do mundo físico, e não apenas nas abstrações do mundo inteligível. Noutras palavras, enquanto para o positivismo há uma ruptura entre sujeito pesquisador e objeto de pesquisa, para a fenomenologia há uma interação entre essas duas partes.

Enquanto o positivismo prima por um conhecimento neutro (a pesquisa é realizada sem subjetividade porque o objeto é o que é, em si mesmo), na fenomenologia prevalece a intencionalidade, porque não existe objeto em si, independente de um sujeito que lhe dê sentido (MORAES; ROCHA, 2020).

O esforço da fenomenologia corrobora com o esforço de Kant, no século XVIII, ao buscar romper com a visão dualista do século XVII entre racionalismo de Descartes (inteligível) e empirismo de Francis Bacon (sensível). Esse dualismo fez emergir a velha dicotomia sujeito e objeto que desembocou no positivismo do século XIX. Atualmente, há trabalhos significativos que se embasam na fenomenologia para romper com a visão puramente objetivista na literatura e fomentar a relação sensível e inteligível nos textos literários como obras de Greimas e a sociosemiótica de Eric Landowski. Trata-se de trabalhos que orientam para o ensino de literatura que instigam a imaginação e a fruição do sujeito, no ato de ler, mostrando que a subjetividade tão defendida pela fenomenologia é imprescindível, quando o assunto é literatura.

5. Conclusão

Ao revisitar o método positivista, percebemos como esse fundamento refletiu no fazer literário de Émile Zola e fez emergir vários autores que escreveram obras literárias de cunho naturalista. O objetivismo de *O romance experimental*, de Émile, também marcou o dualismo sujeito x

³⁵¹ “Mesmo que as ciências humanas tenham começado a surgir no final do século XIX, até hoje enfrentam problemas na tentativa de estabelecer o método adequado à compreensão do comportamento humano.” (ARANHA; MARTINS, 1993, p. 166).

objeto no ato de ler, como se houvesse uma interdição entre o leitor e os mundos possíveis produzidos na obra literária, cabendo ao leitor interpretar a literatura como um cientista interpreta o fato em si mesmo, tal como orienta o positivismo. Visão oposta à fenomenologia, que estuda o fenômeno como “aquilo que aparece” “para mim”. Pensar a literatura na perspectiva da fenomenologia é permitir ao leitor abrir as asas da sua imaginação, libertando-o das amarras fixas da leitura positivista.

Não queremos dizer que o objetivismo é algo sem valor, pois a objetividade trata-se de um efeito de sentido baseado na neutralidade do sujeito diante do objeto de pesquisa, prática que fez a ciência evoluir, mas essa objetividade exagerada que é transferida para o texto literário, inibe a imaginação do leitor. O subjetivismo negado pela prática positivista também é um efeito de sentido que considera a interpretação do sujeito. Se objetivismo e subjetivismo são efeitos de sentido significa dizer que o texto literário pode ser construído com enunciados ora objetivista, ora subjetivista. O professor de literatura precisa trabalhar com essas duas concepções pois elas podem coexistir no fazer literário. E o aluno precisa entender a estética literária no seu aspecto objetivo ou subjetivo.

O que ajuda a elucidar o insipiente modo como o efeito de sentido de objetividade da escola naturalista transita nas aulas de literatura na escola é o tímido tempo atribuído a esta disciplina ou mesmo a falta de formação do professor que a ministra, que, por sua vez, aprendeu na graduação teorias literárias mas teve pouco repertório de leituras da obra literária. Outro agravante é que os cursos de Letras precisam investir mais em metodologias de ensino de literatura tal como sinaliza Rildo Cosson.

Os pressupostos da fenomenologia podem contribuir para mudar a perspectiva puramente objetivista do ensino de literatura da escola naturalista, visto que a fenomenologia nos ensina que sujeito e objeto precisam andar interligados, pois para apreender literatura, o aluno deve viver em contato com ela, fruindo a estética literária.

Por fim, não se pode negar que o método positivista tem a sua importância para várias áreas do conhecimento, inclusive para a literatura como sinalizamos acima, mas devido ao aspecto isolado, fixo e reducionista da escola, o método positivista tornou-se obsoleto para o ensino atual. Em contraponto a esse ensino de literatura reducionista urge tam-

bém um ensino de literatura interdisciplinar que considere os diversos saberes pois, como assevera Barthes:

A literatura assume muitos saberes. Num romance como Robinson Crusoe, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza à cultura). Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas deversem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que deveria ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário (...) (BARTHES, 2002, p. 18)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, M.; MARTINS, M. *Filosofando*: introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1993.

BARTHES, R. *Aula*. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

_____. *O prazer do texto*. Trad. de J. Buinsurg. 3. ed. São Paulo-SP: Perspectiva, 1993.

BRASIL. *Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, 2006.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília-DF: MEC, 2018.

COSTA, Cristina. *Sociologia*: introdução à ciência da sociedade. 5. ed. São Paulo: Moderna, 2018.

COSSON, Rildo. Nós que ensinamos literatura. In: NAVAS, Diana; CARDOSO, Elizabeth. *Literatura e ensino*: territórios em diálogos. São Paulo: EDUC, 2018. p. 39-52

FISCHER, Adriana. Letramento acadêmico: uma perspectiva portuguesa. *Acta Sci. Lang. Cult.*, Maringá, v. 30, n. 2, p. 177-87, 2008.

FIÚZA, Marina Miranda. *Ascensão do olhar*: aproximações entre fenomenologia e literatura. 84fl. Mestrado em Literatura Literária (Universidade Católica de São Paulo), 2011.

GOMES, Álvaro Cardoso. O diálogo entre a literatura e as ciências: o romance experimental de Zola. *Graphos*. João Pessoa, v. 8, n. 1, Jan./Jul./2006. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/graphos/article/view/9316/4997>. Acesso em: 08 ago.2020.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

LANDOWSKI, Eric. Para uma semiótica sensível. *Revista Educação e Realidade*. 2005.

MORAES, Carlos Wiennery da Rocha. *Interações no ensino-aprendizagem de literatura em ead*: análise semiótica de discursos e práticas. Tese de Doutorado. UFT. Mimeo.

MORAES, Carlos Wiennery da Rocha; ROCHA, Marli Ramalho dos Santos. Letramento, Matemática e Sociosemiótica, a evolução do livro didático: comparando equação do 1º grau em três livros de matemática. *Revista Philologus*, Ano 25, n. 75Supl. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2019. Disponível em: https://www.academia.edu/42731125/LETRAMENTO_MATEM%C3%81TICA_E_SOCIOSSEMI%C3%93TICA_A_EVOLU%C3%87%C3%83O_DO_LIVRO_DID%C3%81TICO_COMPARANDO_EQUA%C3%87%C3%83O_DO_1o_GRAU_EM_TR%C3%8AS_LIVROS_DE_MATEM%C3%81TICA. Acesso em: 19/05/2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico*: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ZOLA, Émile. *O romance experimental*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____. *Thérèse Raquin*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.